



Resenha/Review: Thiago Quintana (2011), *Orgulho e tragédia em A Saga de Kormak*, Vitória: DLL/UFES

Marcos Arêas Coimbra
Universidade Federal Fluminense

Tiago Quintana é tradutor e aluno de Letras, tendo começado a desenvolver suas pesquisas sobre a literatura nórdica medieval no programa de Iniciação Científica e Metodologia de Pesquisa da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escolheu um objeto para dedicar suas pesquisas que, não necessitando de muito conhecimento do campo acadêmico brasileiro, permite-nos concluir que o mesmo ainda está em seus primórdios, apesar da qualidade da produção daqueles que já enveredam nesta área do saber.

E é, neste sentido, que merece o primeiro destaque do trabalho de Tiago. A qualidade do que escreveu e como escreveu, fazendo o leitor seguir prazerosamente pelas páginas de seu livro que, especificamente, trabalha um tema não tão acessível como faz parecer.

Não apenas disserta sobre a Tragédia enquanto gênero literário, singularmente a tragédia clássica, aquela dos tempos de Sófocles, como adentra o campo da análise comparativa, traçando paralelos entre a Tragédia Grega e as Sagas Nórdicas. Ora, uma empreitada realmente corajosa, levada a cabo de modo efetivamente feliz.

Pois bem! Tiago se pergunta se o signo do trágico é inerente ao ser humano, ou uma invenção datada, um gênero literário que existiu na Grécia, foi por Aristóteles sistematizado, e morreu com seus autores, restando um monumento cultural para as futuras gerações.

A resposta é alcançada quando da comparação entre dois exemplares literários significativos, sendo um a tragédia grega *Édipo Rei* e o texto nórdico *A saga de Kormak*.

Ao visar resgatar o sentido primordial do "trágico", através sobretudo dos elementos classificatórios de Aristóteles, nosso autor é capaz de enxergar nos dois textos, arquétipos que traduzem perfeitamente características de um gênero literário que serviria para compreender a estrutura de produções temporalmente, e geograficamente, diversas, utilizado assim por nações bem distanciadas, exatamente devido ao fato de que o signo do trágico é algo mais, maior, uma luz que atravessa as meras sombras da contingência do cotidiano.



Cabe aqui ressaltar que a tragédia, enquanto um fenômeno capaz de pensar o Homem, de modo mais amplo que as correntes científicas, já foi objeto de alguns outros estudos. Alguns até mesmo realizando questionamentos críticos da cultura ocidental que, em seus primórdios filosóficos, abismada pela descoberta do pensamento lógico e as inúmeras possibilidades de uma verdade fundadora e absoluta, esquece-se do que possuía de mais rico em seus textos dramáticos: a aceitação de que não há controle total do "mundo da vida" pelo ser humano. Que o mito é uma das diferentes esferas da "psique", tão fugidia quanto maravilhosa.

Voltando ao texto de Tiago. Em seu segundo capítulo a análise será concentrada em demonstrar os instrumentos estruturais, e formais, que enfeixaram a sua base teórico-metodológica, realizando isto através de um breve estudo do desenvolvimento da tragédia grega, principalmente apresentando a teorização que dela faz Aristóteles. O filósofo grego elucida os elementos internos que determinam um texto enquanto espécie do gênero *Tragédia*. Destarte características e ações definidas como erro, orgulho, a reviravolta, e outros, buscavam no final trazer à tona a piedade e o temor do espectador.

No que diz respeito ao drama em seu aspecto formal, ou arte dramática, diz Tiago que , a tragédia clássica era composta por seis elementos: diálogo, canto, espetáculo, enredo, caracteres e pensamentos. Por fim admite que o drama grego, no caso aqui em análise, a tragédia ática, sempre retornará como base dos estudos do labor literário, mesmo que passados muitos séculos. Parece-nos que isto é verdade, pois o que é da essência do Homem, poucas vezes foi tão explorado e desnudado.

O terceiro capítulo é de leitura afoita. Isto é dito pois há uma escassez tão grande de referências panorâmicas e didáticas sobre obras nórdicas no cenário acadêmico pátrio atual - o que dizer ainda de escritos da distante época medieval - que o modo claro e conciso com que Tiago alcança seu objetivo faz o leitor "*literalmente*" empolgar-se e querer mais.

Aqui vemos uma breve explanação sobre a literatura dos nórdicos medievais. Algumas explicações de como a poesia nórdica medieval era dividida, mais especificamente entre poesia *eddaica* e poesia *skaldica*, isto de acordo com seus temas. A poesia *eddaica* buscaria narrar as aventuras de deuses e heróis mitológicos, enquanto a poesia *skaldica* teria como objetivo recitar e enaltecer os feitos do senhor ao qual o *skald* servia. Este último exemplo era mais complexo em sua métrica, sintaxe e vocabulário.



Já as sagas eram geralmente escritas com base em histórias reais acontecidas na Escandinávia. Alguns acreditam que podem remontar de uma tradição oral mais antiga. Sua narrativa, quando comparada com a poesia nórdica, era mais clara e concisa. Geralmente eram relatos de vidas de reis, grandes famílias, batalhas, ou mesmo histórias lendárias e mitológicas. Ressaltemos que a saga de Kormak, um dos objetos de estudo do livro, narra as aventuras de senhores e suas famílias, trazendo à tona assuntos como amor e romance, coisa que o autor alerta ser rara na produção literária nórdica medieval.

No quarto capítulo, intitulado "Orgulho e Tragédia: um estudo comparativo de Édipo Rei e A saga de Kormak" o autor analisa as duas obras, fazendo um estudo dos elementos da tragédia que compõe ambos os trabalhos, o que lhe permite concluir pela amplitude do signo do trágico para além do drama grego, tornando-se assim uma chave metodológica de valiosa serventia.

Inicia com a tragédia grega *Édipo Rei*, mostrando como a vida de Édipo fora marcada por eventos que constituem perfeitamente os elementos mais importantes da tragédia. Édipo é levado a matar o pai e casar com a própria mãe pelo seu orgulho, quando desdenha dos conselhos sobrenaturais de Tirésias, uma espécie de profeta cego. Ao descobrir a verdade do que lhe ocorreu cai em desgraça, perdendo seu posto de rei da cidade de Tebas e fura os próprios olhos. Acaba, então, por se exilar da cidade, vivendo como indigente na desgraça absoluta.

Em a *A saga de Kormak* o orgulho e o desdém pelos avisos do sobrenatural aparecem do mesmo modo, também levando o protagonista à derrota, que no seu caso é a perda do seu maior amor, Steingerd. Mesmo, no entanto, não sendo uma tragédia grega por excelência, através da descoberta, no estudo comparativo, em ambas as obras, dos elementos estruturais da tragédia, como definiu Aristóteles, Tiago consegue propor através do uso de exemplos claros, que sua teoria possui fundamento.

Este capítulo é muito prazeroso em sua leitura, pois o leitor toma contato com o enredo das narrativas em si, muito interessantes por sinal, verdadeiros monumentos da cultura humana. Tudo isso enriquecido por uma teoria, a do autor, que vai se confirmando aos poucos - um trabalho de extrema inteligência e sutileza intelectual, algo que deveria ser buscado com mais frequência atualmente.

Nas considerações finais o autor sintetiza o produto do seu esforço e esclarece ponto



que acredita ser uma possível chave teórico-metodológica a ser utilizada. Não enxergamos melhor maneira de expor esta crucial conclusão que abrindo espaço para as palavras do próprio Tiago Quintana, palavras estas que parece-nos plenas de razão e bem comprovadas em sua essência:

Pelo visto acreditamos poder afirmar que a saga de Kormak - uma saga islandesa do séc. XIII - pode ser reinterpretada como uma tragédia (tal como compreendida por Aristóteles), isto é, uma obra na qual o trágico é a força-motriz, não apenas um de seus elementos; afirmamos isso com base nas semelhanças estruturais (em termos de significado, embora não de significante) entre a saga e a tragédia *Édipo Rei*: as falhas trágicas dos protagonistas (o orgulho excessivo de ambos diante do sobrenatural, a impetuosidade de Kormak), seus erros trágicos (para Édipo, matar o pai e casar com a mãe; para Kormak, matar os filhos de Thorveig, não compensá-la pelas mortes e ainda expulsá-la de suas terras) e a reversão da fortuna dos dois (Édipo cega a si próprio e perde o trono de Tebas, enquanto Kormak perde o amor da sua vida), tudo com o propósito de fazer um apelo às emoções e de provocar a piedade e o terror.

Por fim, há um apêndice onde o autor faz um breve estudo do papel das mulheres nas sagas nórdicas, provavelmente um estudo que será objeto de vãos futuros, mas que já demonstra inúmeras possibilidades de análise.

Em "Orgulho e Tragédia em *A saga de Kormak*" Tiago Quintana parece ter consolidado o que será a sua base teórica e metodológica para diversos trabalhos futuros, o que enche o seu leitor, deste pequeno mas intenso trabalho, de alegria, já que o sucesso alcançado é constatação inegável de que suas contribuições para com os estudos medievais pátrios serão de enorme valia e prazerosa leitura.





Bibliografia

BRANDÃO, Junito de Souza (1980), *Teatro grego: origem e evolução*, Rio de Janeiro, Tarifa Aduaneira do Brasil.

FRYE, Northrop (2000), *Fábulas de identidade - estudos de mitologia poética*, São Paulo, Editora Nova Alexandria.

VERNANT, Jean Pierre e Pierre Vidal-Naquet (2008), *Mito e Tragédia na Grécia antiga*, São Paulo, Editora Perspectiva.

Sobre o autor

Marcos Arêas Coimbra possui graduação em Direito pela PUC-Rio e em História pelo Instituto La Salle. Atualmente é mestrando em História pela Universidade Federal Fluminense, com concentração na área de História Medieval.

